

VARIAÇÃO DO PRONOME DA 1ª P.P. NO GÊNERO QUADRINHOS “A TURMA DO CHICO BENTO”

Rouse Klébia R. Cândido*
Departamento de Letras - UFRN
Flávia Kalyne X. Farias*
Departamento de Letras – UFRN

RESUMO: Com base no referencial teórico da sociolinguística variacionista, analisamos a variação entre os pronomes da 1ª Primeira Pessoa do Plural *nós*, *nóis* e *a gente*. Para tanto, focalizamos as falas dos personagens de Maurício de Souza, na revista em quadrinhos intitulada *A Turma do Chico Bento*. Levamos em consideração a variação de idade e sexo dos personagens, assim como a distinção entre zona rural e urbana, nas quais residem os personagens. A análise que fizemos nesta pesquisa contribuiu para nosso campo de pesquisa na academia. Além disso, também contribuiu para a nossa formação como futuros profissionais, pois o uso das historinhas em quadrinhos é útil para o trabalho do professor em níveis diferentes de ensino, visto que é um gênero de discurso de fácil acesso aos alunos para entretenimento e lazer e seu conteúdo é de fácil absorção. As histórias em quadrinhos abordam vários temas que o professor pode selecionar de acordo com as necessidades do seu planejamento. Essas histórias servem inclusive para a divulgação de informações científicas, artísticas e históricas para o aluno, ajudando no processo de desenvolvimento da produção de textos. No que diz respeito ao ensino de gramática, a revista *A Turma do Chico Bento* é um material de grande valia, pois traz marcas linguísticas de diferentes variedades da língua portuguesa, o que facilita o trabalho com questões de variação linguística na escola.

PALAVRAS CHAVES: Variação Linguística; Sociolinguística; Revista em quadrinho; Chico Bento.

Introdução

Com base no referencial teórico da sociolinguística, analisamos nessa pesquisa a variação entre os pronomes da 1ª PP: *nós*, *a gente* e *nóis*. Para tanto, focalizamos nas falas dos personagens de Maurício de Souza, na revista intitulada “A Turma do Chico Bento”, levando em consideração a variação de idade, sexo e escolaridade dos personagens, e também o gênero textual.

Com isso, observamos que o uso do *nóis* e do *a gente* é mais freqüente em relação ao *nós* por se tratar de textos totalmente informais, e a grande parte dos personagens são crianças na sua vida cotidiana em meio ao grupo social no qual vivem. Já quanto ao *nós*, o uso é mais freqüente nas falas dos personagens com certo grau de escolaridade, e por alguns inseridos na zona urbana.

Vale ressaltar que por ser de um gênero textual quadrinhos que exige que o autor escreva as falas dos personagens em um discurso que classificará os personagens analisados, com isso poderemos trabalhar as variações que a língua apresenta. É recomendável uso desse gênero em sala de aula pelos os professores por se um material

* Graduandas do Curso de Letras

de fácil acesso que estimula os alunos para a capacidade de observação além de ser uma ferramenta pedagógica de grande aceitação dos alunos.

Da sociolinguística à pesquisa

Desde o advento das teorias da sociolinguística (que foram desenvolvidas em meados do século passado), tornou-se inviável compreendermos a língua como uma estrutura uniforme, homogênea e estática, e desconsiderarmos as relações diretas com os vários fatores sociais. De acordo com Cezario e Votre (2008, p. 141), “[...] a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação”, ou ainda com Paiva e Duarte (2006, p. 147) “[...] a língua só pode ser entendida nos variados contextos de uso.”

William Labov foi quem, de forma mais significativa, dentro dessa linha de pesquisa linguística, insistiu na relação entre língua e sociedade, considerando, inclusive, o termo “sociolinguística” uma redundância, pois, segundo o autor, não se pode conceber a língua fora do seu contexto social, preferindo chamar essa linha de pesquisa de “teoria da variação linguística” (TARALLO, 1985, p. 7).

A sociolinguística, portanto, estuda o vernáculo, a língua em uso real, utilizada no dia-a-dia dos falantes, quando estes estão menos preocupados com o *como* dizer algo (op. cit., p. 7). Além do mais, a variação e a mudança são vistas como características gerais e universais (MOLLICA, 2003). Nessa perspectiva percebe-se então que há mais de uma maneira de se dizer a mesma coisa, de forma semanticamente equivalente, e o falante utiliza mecanismos linguísticos diferentes para expressá-las, dependendo da situação em que se encontre (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 145). A essa possibilidade denominamos “variantes linguísticas”. É, pois, um dos principais objetivos da sociolinguística: analisar e sistematizar essas variantes usadas por uma mesma comunidade de fala.

Torna-se importante, nesse ponto, tratarmos de esclarecer conceitos fundamentais da teoria sociolinguística, tais como *variantes e variáveis*. Como foi dito acima, a variante linguística é o conjunto de diferentes formas de dizer uma mesma coisa, mantendo o mesmo significado. Já variável linguística depende do conjunto de variantes. A exemplo de uma variante da Língua Portuguesa falada no Brasil temos a forma *nós*, variante padrão/conservadora em oposição às formas *a gente* e *nóis*, variantes não-padrão/inovadoras, usadas para se referir a primeira pessoa do plural.

A utilização de uma variante, como nos diz Tarallo (1985, p.11), em vez de outra decorre de circunstâncias linguísticas (condicionamento por fatores internos à língua) e não linguísticas (condicionamento por fatores externos, como por exemplo: faixa etária, nível de escolaridade, informalidade do discurso, etc.).

Segundo nos diz Paiva e Duarte (2006, p. 139), “[...] a mudança é entendida como uma conseqüência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais”. Há, então, mudança quando uma variante desaparece em favor de outra. No entanto, as variantes concorrentes podem manter-se estáveis no sistema linguístico (MOLLICA, 2003, p. 9). As mudanças são identificadas a partir de dados de *tempo aparente*, ou seja,

referentes a dados atuais distribuídos de acordo com a idade dos falantes, ou dados de *tempo real*, ou seja, considerando-se dados provenientes de diferentes épocas.

Os resultados das análises de variantes mostrarão a estabilidade das concorrentes ou apontarão para mudança em curso dentro do sistema lingüístico.

Como surgiu “A turma do Chico Bento”?

Chico Bento e sua turma nasceram no ano de 1961, tendo suas aventuras baseadas nas histórias do tio avô do autor Maurício de Souza, morador de Santa Branca, interior do Estado de São Paulo. Estreou numa tirinha que era estrelado por Hiro e Zé da Roça, na época Hiroshi e Zezinho. Apesar de não ser um bom aluno, Chico é sempre caracterizado na idade da escola. E tem como público alvo crianças de 5 a 11 anos, por isso as falas dos personagens é de maneira clara e bastante informal. Por adotar esse tipo de linguagem o quadrinho foi alvo de críticas nos anos 80 por não reproduzir a norma culta do português.

Sendo assim, os dados necessários para formulação de tal pesquisa foram analisados de acordo com a escolaridade faixa etária (crianças e adultos), região (zona rural e urbana) em que estão inseridos.

Análise de dados

Através de uma linguagem simples e interativa, feita para todas as idades, as revistinhas em quadrinhos do “*Chico Bento*” retratam a história do inocente menino do campo, que fala errado (de acordo com a Gramática Normativa), Chico Bento, morador de Vila Abobrinha, é um personagem fictício, construído a partir da biografia de Mauricio de Sousa, que o espelhou em um tio-avô. Não somente Chico, mas sua Vó (Vó Dita) também faz parte dessa biografia do autor, uma vez que essa lhe contava várias histórias que por ele foram publicadas. Para melhor caracterização do personagem (espaço/ campo), Chico tem amigos na roça e um primo paulista Zeca, que caracteriza as diferenças entre o campo/ cidade. Tais diferenças podem ser percebidas pelo leitor através da leitura e das imagens, pois ao contrário de Chico seu primo mora na cidade grande. Capital de São Paulo tem acesso a brinquedos modernos, a computadores e “fala certo” de acordo com o típico morador da cidade grande, cidadão paulista.

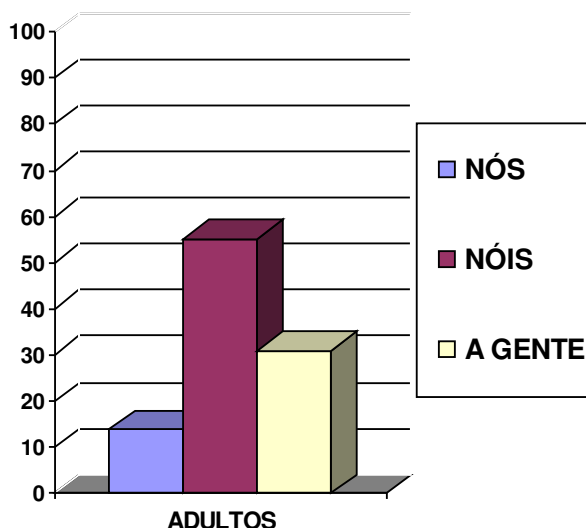
Diante disso para a pesquisa realizada a fim de análise do uso do “*a gente*”, “*nós*” e “*nóis*” nas falas dos personagens da turma do Chico foi levado em consideração durante as leituras dos gibis a faixa etária (crianças /adultos), localidade (centro rural/ urbano) e grau de escolaridade. Dividindo assim, os personagens de acordo com a retratação de suas falas nas histórias. É o que nos mostrará os gráficos a seguir, que para representação dos mesmos foram analisadas 152 falas, sendo 123 de oito personagens que representam o núcleo infantil do quadrinho (Chico Bento, Rosinha, Zé Lelé, Zé da Roça, Hiro, Genesinho e Zeca, o Primo da cidade, além da fala de que aparece de um animal, que ficou representado no núcleo infantil, por sua fala aparecer durante uma conversa com Chico Bento, que pode ser considerado como

imaginação do menino. Já as falas dos adultos foram analisadas 29 falas retiradas de 11 personagens: Nhô Bento, D. Cotinha, D. Rosália, o pai de Rosinha, Dona Marocas, o padre Lino, O caçador, Osório, amigo médico do pai do Chico, um personagem cinegrafista e Tiradentes que aparecem em um dos quadrinhos pesquisados.

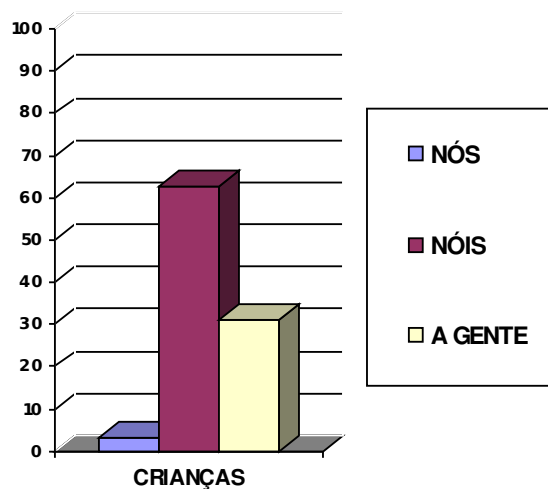
No que se refere ao meio rural/ urbano os personagens foram divididos de acordo com suas falas, com a exceção de Zé da Roça que mesmo fazendo parte do grupo que representa o meio rural, não fala “caipirês”. A professora Marocas, o padre Lino e os demais personagens que aparecem, fazendo o uso da língua de acordo com a gramática normativa, foram representados como o meio urbano, pois supõe que ambos vieram ou saíram para cidade grande a fim de conclusão de estudos.

O mesmo critério foi utilizado para análise das falas referentes ao nível de escolaridade, onde o alto nível de escolaridade ficou aqueles que suas falas são de acordo com o português da gramática padrão e os que suas falas não se enquadra nesse padrão do português ficaram como baixo nível de escolaridade, assim como também as crianças, pois todos são representados como alunos da escola primária.

Vejamos os Gráficos a seguir:

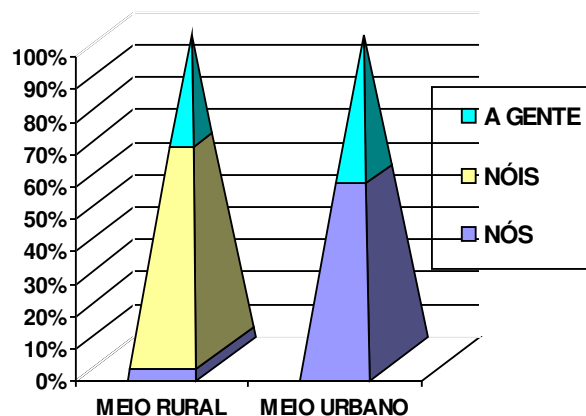


Esse gráfico representa o uso do “*nós*”, “*a gente*” e “*nóis*” pelos personagens adultos dos quadrinhos e nele é fácil perceber que em mais de cinquenta por cento das falas analisadas apareceram o “*nóis*” como variante da primeira pessoa do plural. Em seguida vem o “*a gente*” com trinta por cento, enquanto que pouco mais de 10 por cento usaram o “*nós*”. Isso se explica por a maioria dos personagens estarem inseridos no meio rural, utilizando acima de tudo a linguagem informal e substituindo o pronome pessoal da primeira pessoa do plural “*nós*” por “*nóis*”.



Nesse gráfico não muito diferente do primeiro o “*nóis*” é a variação também mais utilizada pelas crianças, fato que se explica pelos mesmos motivos do primeiro. Já em relação ao “*nós*”, menos de dez por cento é referente as falas de Zé da Roça e de Zeca, o primo da cidade, ambos, como já foi mencionado antes, não falam como as demais crianças a linguagem típica do interior, mas a linguagem de acordo com o português padrão. Zeca por representar o garoto típico da cidade grande e Zé da Roça, talvez, pelo nível de escolaridade dos seus pais, que não aparecem nos quadrinho. Pois ele faz parte dos amiguinhos do Chico que convivem com ele na roça.

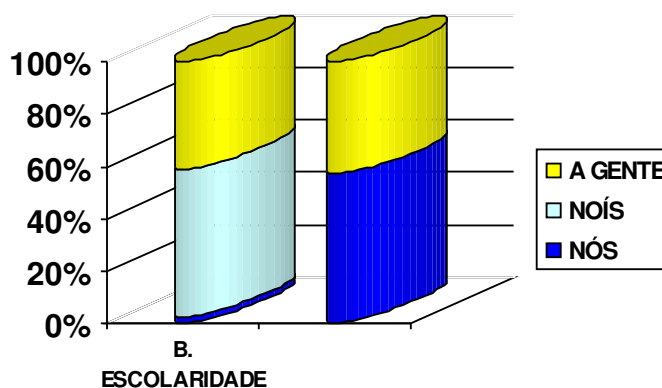
Vale destacar que aparece também fazendo uso da variação “*nós*” a fala de um animal, o bicho preguiça, que foi inserido no meio infantil pela fala ter sido retirada de um diálogo entre Chico e o animal, pois o mesmo gosta de conversar com os animais, característica do personagem que representa o menino criado no meio rural.



Esse gráfico representa as falas de acordo com a localidade. É bastante notável a divergência do “*nóis*” em relação ao “*nós*” e até mesmo “*a gente*” no gráfico que representa o meio rural. Isso se deve pelo fato da variante “*nóis*” ser típica da linguagem do interior. Notamos também que mais uma vez a variante “*nós*” aparece com menos de 10 por cento, o que se explica por algumas falas mesmo inseridas no

maio rural, fazerem parte das características de alguns personagens que demonstram certo nível de conhecimento em relação a língua portuguesa. É o que acontece, como já mencionado, com o Zé da Roça e dona Rosalia, a mãe da Rosinha, que aparece nos quadrinhos fazendo o uso da variante “*nós*” ao contrário de seu marido e de sua filha que sempre utilizam a variante “*nóis*”.

Vale ressaltar que como representantes do meio urbano foram utilizadas as falas da professora Marocas, do padre Lino, do primo Zeca, Osório e outros personagens como Tiradentes, não pertencente a turma do Chico, de linguagem comum às normas gramaticais do português padrão.



Já nesse gráfico que representa o nível de escolaridade é bastante interessante, pois enquanto na representação dos personagens de baixa escolaridade mais de sessenta por cento utilizam como variante da pp o “*nóis*”, pouco mais de cinquenta por cento dos de alta escolaridade utilizam o “*nós*”. O que nos permite perceber que há maior variação entre o “*nós*” e o “*a gente*”, pelo grupo de alta escolaridade, do que entre o “*nóis*” e o “*a gente*”, pelo grupo de baixa escolaridade. Pois de acordo com a pesquisa o uso do “*a gente*” como variante da pp pelo grupo de baixa escolaridade foi pouco mais de trinta e um por cento, enquanto que no grupo de alta escolaridade foi de mais de quarenta e dois por cento. Diferença pouca mais muito significativa, já que é notável o uso do “*a gente*” como variante da pp foi mais utilizado por personagens com bom nível de escolaridade, significando melhor aceitação da variante.

Também é notável a presença do “*nós*” com menos de dez por cento no grupo de baixa escolaridade, mais uma vez essa representação será devido à presença do pronome nas falas de Zé da Roça e Zeca, pois como já foi mencionado apesar do bom uso do pronome não significa que os personagens tenham bom nível de escolaridade já que de acordo com as histórias dos quadrinhos ambos ainda são alunos do ensino primário.

TABELAS DAS DRISTRUIÇÃO EM PORCENTAGEM DAS VARIÁVEIS

**“NOS” “NÓIS” E “A GENTE” NAS FALAS DOS PERSONAGENS DA “
TURMA DO CHICO BENTO”.**

NÓS	NÓIS		A GENTE			
	AP./Tot	%	AP./Tot	%	AP./Tot	%
Alta escolaridade	4/7	57,1 4	0/7	0,0	3/7	42,85
Baixa escolaridade	4/145	2,75	93/145	64,1 3	48/145	32,4
TOTAL	8/152	5,26	93/152	61,1 8	51/152	33,55

NÓS	NÓIS		A GENTE			
	AP./Tot	%	AP./Tot	%	AP./Tot	%
Rural	5/145	3,44	93/145	64,1 3	47/145	32,41
Urbana	4/7	51,1 4	0/7	0,0	3/7	42,85
TOTAL	9/152	5,92	93/152	61,1 8	50/152	32,89

NÓS	NÓIS		A GENTE			
	AP./Tot	%	AP./Tot	%	AP./Tot	%
Crianças	4/123	3,25	77/123	62,60	42/123	34,1 4
Adultos	4/29	13,78	16/29	55,17	9/29	31,0 3
TOTAL	8/152	5,26	193/152	127	51/152	33,6

O uso de quadrinhos em sala de aula

O uso das historinhas em quadrinhos contribui com o trabalho do professor em níveis diferentes de ensino, visto que é um roteiro de fácil acesso aos alunos para entretenimento e lazer. As historias em quadrinhos abordam vários temas nos quais o professor pode escolheras que melhor satisfazem as necessidades do seu planejamento.

Pesquisa realizada recentemente declarou que: fica mais fácil o processo de aprendizagem e memorização quando estabelecemos a ligação com o conhecimento prévio do aluno. A revista Nova Escola publicou em abril de1998 uma reportagem

intitulada “Quadrinhos - poderosa ferramenta pedagógica” na qual há depoimentos de professores que afirmam que 100% dos alunos gostam de histórias em quadrinhos.

Por tanto é recomendável o uso em histórias em quadrinhos, podemos observar na historinha da “Turma do Chico Bento” fatores que implicam na capacidade de observação e expressão, aguça o senso de humor e a leitura crítica; co-relaciona mensagem verbal e não verbal, assim como também a cultura formal e informal. Além de conhecer e respeitar as variantes lingüísticas do português falado desvendando as formas coloquiais da linguagem.

As histórias em quadrinhos ajuda a aproximação das informações científicas, artísticas e históricas da realidade social do aluno, ajudando a desenvolver melhor a produção de textos.

Do ponto de vista governamental os quadrinhos são vistos como ferramenta bastante atraente para estimular a leitura dos alunos. O que pode ser comprovado através do MEC, pois o mesmo acredita que a inclusão dessas obras facilita o aprendizado das crianças em temas mais difíceis. O PNBE oferece livros em quadrinhos e de imagens aos estudantes como outra opção de formas gráficas para se contar histórias e também na exemplificação da língua portuguesa usada no cotidiano.

Conclusão

Como já citado na introdução, essa pesquisa teve como objetivo a observação e análise das variantes dos pronomes da 1ª PP, “nós”, “nóis” e “a gente” nas falas retirada das revistas em quadrinhos “Turma Do Chico Bento” escrito pelo autor Mauricio de Souza. Para a análise foram destacados diferentes aspectos como: idade, escolaridade, e zona na qual estão inseridos os personagens.

Com base na observação dos dados coletados na pesquisa comprovamos algumas hipóteses levantadas. O uso do pronome “nóis” é visto com maior frequência pelo fato de a maioria dos personagens estarem inseridos na zona rural, tanto em relação aos dados das falas das crianças como nas falas dos adultos, visto que alguns adultos utilizam a variante “nós” nesses percebemos que ele tiveram melhores condições de ensino.

Podemos perceber que o Personagem Zé da Roça, apesar de ser criança e está inserido na zona rural, ele utiliza a variante “nós”, um fator que justifica é o fato de ele ser filho do coronel e por ser filho de uma pessoa que de certo modo fala corretamente, de acordo com as normas da língua portuguesa, o filho se espelha no pai. Por se tratar de serem textos totalmente informais, e relatarem falas de personagens é utilizado a forma coloquial, informal.

A variante “a gente” visto com menos frequência em relação ao “nóis” pode ser explicado pelo fato de o autor tentar enfatizar o modo de como os personagens falam e de certo modo o “nóis” mostra melhor a forma de que eles utilizam o pronome visto que eles não flexionam os verbos.

Essa pesquisa se mostrou importante para a valorização das revistas em quadrinhos em sala de aula, e mostrar que de certa forma a língua deve se adequar ao

publico alvo, mostrando assim que o preconceito lingüístico pode diminuir em decorrência as observações das revista levando em consideração a forma de que o um determinado autor utiliza para escrever suas historias. Mauricio de Souza utiliza toda uma semiótica textual alertando o leitor para as diferenças propostas. Criado em 1961, mas tendo sua primeira Revista lançada apenas em 1982, a Turma da Roça traz histórias passadas num ambiente pacato do interior.

Referências

- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolingüística. In: MARTE LOTTA, M. E. (org.) LOPES, C. R. Pronomes pessoais. In : Vieira, S. R. ; BRANDÃO, S. F. (orgs) *Ensino de gramática: descrição do uso*. São Paulo : Contexto, 2007.
- MOLLICA, M. C. M., NASCIMENTO, R. A. Monitoramento estilístico entre “nós” e “a gente” na escola. In: GORSKI, E. M. ; COELHO, I. L. (orgs) *Sociolingüística e ensino*. Florianópolis : ed. da UFSC, 2006.
- NEVES, M. M. M. o PRONOME PESSOAL. In:*Gramática de usos do português*. João Paulo : editora da UNESP, 2000.
- OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função do sujeito. In:SILVA,G.M.O. ; SCHERRE; M. M. P. (orgs) *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1996.
- PAIVA, M. C. A.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolingüística brasileira. [posfácio] : In. WEINREICH, U. ; LABOV, w. ; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006.
- TAVARES, M.A.*O uso variável de NÓS e A GENTE em “ As vinhas da Ira” : em busca da mudança*. Projeto de Pesquisa. Impresso. 2005.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo. Ed. ática, 1985;